

A prática médica na Grécia Antiga e a influência da mitologia no processo de cura

Medical practice in ancient Greece and the influence of mythology on the healing process

DOI:10.34119/bjhrv4n4-318

Recebimento dos originais: 05/07/2021

Aceitação para publicação: 24/08/2021

Lucas Rospendowski Fiorini

Técnico em Farmácia, atualmente estudante do 4º Semestre de Medicina.

Centro Universitário São Camilo

Endereço completo: Av Nazaré 1501, Ipiranga, São Paulo, SP

E-mail: lucas.fiorini@aluno.saocamilo-sp.br

Maria Elisa Gonzalez Manso

Doutorado em Ciências Sociais pela PUC SP.

Centro Universitário São Camilo

Endereço completo: Av Nazaré 1501, Ipiranga, São Paulo, SP

E-mail: maria.manso@prof.saocamilo-sp.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo demonstrar a importância da civilização grega na construção e evolução do conhecimento médico. O estudo ressalta a interdisciplinaridade da compreensão humana do período, sobretudo com o advento da filosofia, que permitiu a abertura de questionamentos sobre o universo e a responsabilidade exclusiva da religião sobre o processo saúde-doença, o que rompe com a crença de que seres ocultos e feitiços atuem como ocasionadores de enfermidade. Além disso, este artigo aborda a mitologia grega e a influência dela sobre as práticas médicas realizadas na Grécia Antiga, expondo a crença em Asclépio, centauro Quíron, Higéia e Panacéia nas atividades curativas. O estudo ainda discorre sobre Hipócrates, considerado pai da medicina e responsável por uma vasta coleção chamada *Corpus Hipocraticum*, conhecido mundialmente, e do qual herdamos o Juramento de Hipócrates, utilizado até os dias atuais para o ingresso na profissão médica.

Palavras-chave: Hipócrates, Asclépio, Medicina, Grécia Antiga

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the importance of the Greek civilization in the construction and evolution of medical knowledge. The study highlights the interdisciplinary nature of human understanding in the period, especially with the advent of philosophy, which allowed the opening of questions about the universe and the exclusive responsibility of religion on the health-disease process, which breaks with the belief that occult beings and spells act as disease causers. Moreover, this paper discusses Greek mythology and its influence on the medical practices carried out in Ancient Greece, exposing the belief in Asclepius, the centaur Chiron, Hylean and Panacea in the healing activities. The study also discusses Hippocrates, considered the father of medicine and

responsible for a vast collection called Corpus Hippocraticum, known worldwide, from which we inherit the Hippocratic Oath, used until today for entry into the medical profession.

Keywords: Hippocrates, Asclepius, Medicine, Ancient Greece

1 ARTIGO

A civilização grega, localizada ao sul da Península Balcânica e se estendendo por partes do Mar Mediterrâneo, Ásia Menor e costa do Mar Negro, foi sem sombra de dúvidas uma poderosa fonte de influência para a civilização ocidental em diversos campos do conhecimento, de filosofia à medicina naturalista.

A Grécia Antiga é dividida em quatro períodos históricos: Arcaico (XIII - V a.C.), Clássico (V - IV a.C.), Helenístico - Macedônico (IV – I a.C.) e Helenístico - Romano (I a.C. - V d.C.). Desses, os mais importantes para a medicina foram as divisões arcaica e clássica. Historiadores consideram o período da Grécia Antiga, que conduziu o início da filosofia racional e naturalista, como “o antigo século das luzes” em que prevaleceu na sociedade uma nova maneira de se pensar e buscar explicações racionais à natureza, sobretudo a humana.

O mais importante é que os gregos antigos representaram um marco na fundação do pensamento ocidental e deixaram ensinamentos muito evidentes e presentes no ocidente como nenhuma outra civilização.

No Período Arcaico, assim como no Egito Antigo e Mesopotâmia, as práticas curativas eram predominantemente influenciadas pela religião. O processo saúde-doença dessa forma, era responsabilidade dos deuses. Os gregos da época acreditavam em uma espécie de “energia vital” que equilibrava o organismo e o mantinha vivo. Essa fonte de vida era mantida por fatores externos como a água, a comida e o ar. Conheciam pouco sobre anatomia interna, provavelmente o que se sabia estava baseado em observações a partir de animais sacrificados. Posteriormente, mas ainda no Período Arcaico, acreditavam que a saúde e a doença eram resultado do equilíbrio ou desequilíbrio dos constituintes do mundo, como fogo, ar, água e terra. Já ao final da Grécia Arcaica, manifestou-se o pensamento dos filósofos-médicos, que representou indubitavelmente o início de uma medicina racional com a superação da crença em uma influência predominantemente divina sobre a saúde de pessoas.

Em seguida, já no Período Clássico, estão inseridos os mais importantes médicos, historiadores, políticos e filósofos da civilização grega. Passa-se a desaproximar a exclusividade divina sobre a natureza humana. Essa ruptura, iniciada no Período anterior, foi praticada e difundida por médicos e estudantes de medicina - os discípulos - das escolas médicas de Cós, Cnido e Atenas.

Os saberes do fim da divisão arcaica e toda a divisão clássica foram incluídos nas universidades criadas no Império Cristão de Carlos Magno, na Itália, Espanha e França entre os séculos IX e X d.C. A maior parte deste conhecimento médico foi herdado pelos escritos do *Corpus Hipocraticum* localizados na biblioteca de Alexandria.

Outra fonte histórica da cultura e acontecimentos da civilização grega foi o corpo Homérico. Não se pode afirmar com certeza se Homero realmente existiu ou se as duas obras atribuídas a ele - *Ilíada* e *Odisseia* - foram escritas por uma única pessoa. Ainda assim, ambas são as principais fontes de informação sobre os hábitos sociais, práticas políticas, costumes religiosos e crenças da Grécia Antiga. Elas trazem informações do período entre a Guerra de Tróia (entre 1.300 a 1.200 a.C.) e o tempo de Homero, cerca de quatro séculos mais tarde.

É possível dizer que a obra mais considerável para descrever as ideias da medicina foi a *Ilíada*. Nela está contida alusões a ferimentos em diversas regiões do corpo, geradas por lanças, punhais ou pedras. De modo geral, a anatomia inclusa em seus escritos teve como base a observação de feridos, ou pela prática de sacrifícios, assim como nas civilizações que os precederam. Com isso, desde a formação da Grécia, já havia um breve conhecimento sobre a existência dos principais órgãos, porém não de suas funções.

Ademais, Homero esclareceu a vida psíquica dos antigos gregos, com termos sinônimos que traduziam um órgão ao mesmo tempo em que significava alguma atribuição mental humana.

Dessa forma, as palavras *kradie*, *ker* e *etor* indicam “coração”, mas também podem ser interpretadas como sentimento ou afeto, ou seja, este órgão era a sede onde tais características se manifestariam, não havendo distinção entre a anatomia referida e o que ela representa no processo psíquico em si. Da mesma maneira, o termo *phren*, que indicava o músculo diafragma, estava também relacionado ao intelecto e ao pensamento em ação, tendo o significado de “mente”, já que determina o conhecimento e a ação decorrente do pensamento. *Phren* também pode apontar “juízo”, indicando um caráter ético. Outra palavra grega que espelha tanto uma área anatômica quanto uma característica mental é *noos*, localizado na região do peito, que estaria ao mesmo tempo,

representando a razão, o discernimento, a inteligência e o ato de pensar com o recurso da abstração, que para os gregos, significava representar o mundo de uma forma diferente, o que proporcionaria ideias claras a respeito do universo.

Conforme dito, o início de um pensamento filosófico passou a florescer e harmonizou-se com a etapa mais importante para a medicina da Grécia Antiga, isso não foi uma coincidência, havia muita troca de influências entre as duas áreas e não raramente existiram filósofos-médicos nesse período, o que nos mostra a relação íntima de benefício mútuo de ambos os campos do conhecimento.

O anseio por conhecimentos científicos de maneira racional e sistemática proporcionaram o surgimento de hipóteses que visavam responder os questionamentos relacionados ao funcionamento do intelecto e outros mecanismos cognitivos responsáveis pela grandiosidade da mente humana. Para exemplificar essa proximidade entre filosofia e medicina, acredita-se que Platão utilizou como base para o desenvolvimento de algumas de suas ideias, o conhecimento escrito nos textos do *Corpus Hipocraticum*, o qual será discutido com mais detalhes posteriormente.

Por certo, os pré-socráticos foram imprescindíveis para o conhecimento da civilização grega. Deles, os filósofos considerados mais importantes para a medicina foram Pitágoras, Empédocles e Alcmeon. O primeiro fundou sua escola na Itália, aplicando o conhecimento médico com base na harmonia entre números, música, paz espiritual e o bem-estar físico e mental, além disso, foi atribuído a ele o conhecimento das febres periódicas como a terça e quartã. Já Empédocles de Agrigento (495 – 436 a.C.), influenciou os gregos de modo geral com sua convicção na existência de quatro *arquês*: Água, terra, ar e fogo. Segundo ele, tudo o que ocorria no universo era resultado do amor (união) ou discórdia (separação) destes elementos, o que está presente na base do pensamento médico do período.

Além desses, Alcmeon de Crotona, que viveu por volta de 500-450 a.C., foi de suma importância para o conhecimento médico. Foi ele o primeiro a apontar o cérebro como sede da razão e essência das sensações humanas. Ademais, discutiu e detalhou os sentidos, propondo a existência de canais sensoriais denominados *poroi*, que são incumbidos de enviar as sensações ao cérebro. Ainda citou a presença de dois desses canais, que conectariam os olhos ao cérebro, hoje intitulados nervos ópticos. Suas ideias foram revolucionárias no saber médico, sendo posteriormente comparadas à importância das propostas de Copérnico e Darwin. Os conceitos de Alcmeon de Crotona foram

incluídos nos conhecimentos hipocráticos, que os difundiram por toda a Grécia Antiga, considerando o cérebro como sede do julgamento, das emoções e das atividades mentais.

Dois dos filósofos mais importantes da Grécia Antiga também participaram do debate para descobrir qual era a sede da razão humana. Enquanto Platão acreditava que o cérebro era o órgão responsável pelas atividades mentais, Aristóteles julgava o coração como imprescindível para o intelecto.

Aristóteles estudou a anatomia do cérebro e foi capaz de observar duas meninges, a dura-máter mais externamente e a pia-máter juntamente com aracnoide-máter, porém sem diferenciá-las, internamente. Além das meninges, percebeu ainda um pequeno furo no interior do cérebro com a presença de um líquido, que provavelmente representava o sistema ventricular.

Aristóteles conforme foi dito, diferentemente de Platão, Alcmeon de Crotona e Hipócrates, acreditava na teoria cardiocentrismo, a qual não prevaleceu na sociedade. Entretanto, desenvolveu boas considerações anatômicas e estimulou outros estudiosos a manifestarem estudos mais aprofundados.

Desde as primeiras civilizações como o Egito, Mesopotâmia, Índia e China, houve o estabelecimento de diversos pontos de vista acerca da relação entre mente e o corpo. Isso reflete a preocupação humana em buscar uma compreensão de como ocorre o funcionamento de nossos corpos e sua relação com fenômenos mentais como emoções, pensamento e a memória por exemplo. Essas ancestrais indagações também floresceram na Grécia Antiga, como é de se esperar pelo alto grau de questionamentos científicos e filosóficos levantados por esta civilização. Com as inúmeras considerações da natureza, os gregos da antiguidade tentavam vincular estruturas do corpo como o cérebro e o coração com alguma atividade mental. Em um tratado do *Corpus Hipocraticum* denominado “*Kardia*” por exemplo, descrevia a anatomia do coração ligada a conhecimentos especulativos, dizendo que “a inteligência humana reside na câmara esquerda do coração”.

Cerca de 60 tratados anônimos reunidos por eruditos da escola médica de Alexandria formam o *Corpus Hipocraticum*. Hipócrates nasceu por volta de 460 a.C., na cidade de Cós, uma pequena ilha localizada na atual Turquia e conhecida por abrigar uma das maiores escolas médicas do período. Os tratados, redigidos entre 450 e 300 a.C. representam o começo da medicina racional e sua temática refere-se a embriologia, fisiologia, patologia e ginecologia.

Como pode-se observar, a coleção hipocrática não pode ter sido redigida por apenas uma pessoa, já que ela foi composta em cerca de 150 anos, uma média impossível de ser alcançada por um indivíduo até mesmo hoje, com todos os avanços científicos e tecnológicos que permitem maior longevidade. Na verdade, a história de Hipócrates está imersa em lendas, relatos improváveis e falsificações. Foi imputado a ele - de forma equivocada - cartas, discursos e honras, o que dificulta conhecer com precisão muitos dos dados que constituem sua biografia. Como foi elaborado por diversos autores, muito do que foi redigido no *Corpus Hipocraticum* apresenta incongruências, divergências e contradições, o que não diminui a importância da coleção.

O que se sabe sobre Hipócrates de Cós é que foi um médico grego que criou, desenvolveu e divulgou conceitos e opiniões inovadoras. Quem o ensinou a arte de curar foi seu pai, também médico. Porém não se sabe ao certo se Hipócrates realmente escreveu algo, pois sua fama e reputação era (e ainda é) tão alta que muitas redações médicas, feitas por ele ou não, acabaram sendo-lhe atribuídas. Até mesmo obras realizadas posteriormente a sua morte foram designadas a ele. Por conta desse contingente de glorificações, este grego passou a ser considerado “pai da medicina”.

O conjunto de escritos, atribuídos à Hipócrates, foi responsável por formar uma das coleções mais conhecidas da humanidade: o *Corpus Hipocraticum*, que além do conteúdo prático da medicina, nele está contido valores relacionados aos ideais éticos do médico enquanto responsável pela saúde de pessoas. São raras as descrições anatômicas, as quais foram concebidas provavelmente por observações de soldados feridos, sem a disposição de autópsias, já que não eram permitidas. Como a anatomia não era colocada em primeiro plano, ela servia apenas como base para explicar algum comportamento do sangue e dos “humores”.

Os autores do *Corpus Hipocraticum* buscavam esclarecer as origens das doenças atendo-se a generalidades, pouco relacionadas ao conhecimento da natureza física humana e de sua anatomia interna, já que consideravam a fisiologia e a anatomia do homem análogas a das plantas e animais. A natureza era responsável por fornecer as explicações que os gregos procuravam para decifrar o funcionamento de determinada patologia. A coleção hipocrática acreditava que certas doenças estavam relacionadas com condições climáticas, e considerava os humores como constituintes vitais básicos que circulavam através de vasos entre os órgãos do corpo. Essas ideias são responsáveis pela teoria humoral, a qual é assinalada como a primeira explicação racional para investigação e estudo das doenças.

Para Hipócrates, era preciso que os humores se mantivessem em atividade e equilibrados proporcionalmente por uma força denominada calor inato ou *enfíton termon*, localizada no ventrículo esquerdo. A doutrina humoral está contida no Tratado da Natureza do Homem, e sua escrita serviu como essência de toda a prática médica durante praticamente dois mil anos. Cada um dos humores se relacionava com um dos quatro elementos e a um órgão em específico: o humor bile amarela se associava ao elemento fogo e ao órgão fígado, a bile negra com a terra e o baço, a flegma relacionava-se com a água e cérebro, e por fim, o sangue pertencia ao elemento ar e ao órgão coração. A saúde estaria dependente da proporção correta entre esses humores.

É importante destacar que o *Corpus Hipocraticum* continha várias orientações que são empregadas na prática médica atual. Nele, evidenciava-se a importância da atividade física para o controle de doenças crônicas, assim como dieta e higiene pessoal. Porém, Hipócrates também salientava o uso de sangria e purgativos em alguns tratamentos. Além disso, a característica mais importante da coleção é a utilização de um método, em que a observação e o entendimento detalhados da melhor forma possível eram a base necessária para traçar o prognóstico da doença.

Dessa forma, nota-se que o entendimento da doença como fenômeno natural coloca em segundo plano a visão de castigo divino, feitiçarias ou possessões malignas por algum espírito. Essa ruptura no entendimento do processo saúde-doença por si só já corresponde a uma verdadeira revolução no entendimento médico, retirando grande parte da responsabilidade divina sobre a medicina. Quando Hipócrates questiona a procedência divina das doenças, ele o faz em período favorável, já que a filosofia estava em pleno movimento de questionar verdades pré-estabelecidas.

Apesar da maior presença da medicina racional na Grécia antiga, havia também uma face supersticiosa. Além da visão filosófica, coexistia uma orientação fantasiosa com forte influência na prática médica da Grécia Antiga. Os chamados *iatros*, eram sacerdotes do culto à Asclépio, equivalentes aos *snw* egípcios e *asu* na mesopotâmia, porém com práticas muito limitadas e rigorosas, tendo a função de zelar os santuários e proteger as oferendas e doações de enfermos aos templos e santuários da época.

Os santuários harmonizavam a visão teúrgica com a naturalista, sendo os mais importantes localizados em Epidauro (Argólia), Tricca (Tessália), Cnido (costa ocidental da Ásia Menor, ao sul) e Cós.

O primeiro templo, que continha diversos edifícios, surgiu em Epidauro. Nele, o paciente passava por um ritual para atingir a cura. Inicialmente o enfermo participava do

rito de acolhimento, no qual era necessário receber banhos corporais, jejuns e orações. Após isso, quem procurou o santuário deve passar pela etapa de incubação, em que deveria dormir e sonhar, aproximando-se da divindade. Ao amanhecer, os sacerdotes interpretavam o sonho e os asclepiades realizavam prescrições. Assim, os doentes curados efetuavam uma oferenda na fonte do templo.

Essa visão supersticiosa representada pelo culto a Asclépio segue um pensamento de Platão, o qual afirma que discursos prontos e aprendizado por memorização não excita a memória, mas a substitui, degradando-a. Assim, o medicamento está equiparado à retórica dos sofistas, de que o aluno deve decorar. Em contraste, na visão de Platão, a palavra viva seria o aprendizado verdadeiro, pois obriga o exercício da memória e argumentação, assim como é feita a cura nos templos, em que o paciente deve ser curado por meio da inspiração a partir do sonho, em decorrência de mudanças psíquicas naturais e sem o uso de medicações.

Deve-se questionar neste momento a invocação de divindades em uma medicina racional, que à primeira vista parecem ser incongruentes e contraditórias. Porém, ressalta-se que no advento de um mundo racional estabelecido na civilização grega, a religião não perde valor na cultura. O mitológico e o racional são aspectos diferentes da razão humana.

Um texto contido no *Corpus Hipocraticum*, de grande importância e significado para a medicina ocidental, e exemplo da influência da mitologia grega na medicina é o Juramento de Hipócrates, cujos dizeres deveriam ser proferidos por todos aqueles que iriam ingressar como membros da classe médica, inicia com uma citação de divindades:

“Eu juro, por Apolo médico, por Esculápio, Hígia e Panacea, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue.”

Nessa introdução, os mitos são utilizados para validar e enaltecer a continuação do juramento. O primeiro a ser citado é Apolo, considerado responsável por ensinar as artes médicas à humanidade. Para os gregos, essa divindade está sempre envolvida intensamente por luz e raios de sol, possuindo um olhar claro e penetrante que adentra o futuro, dispersa a doença e cicatriza feridas.

Já Esculápio ou Asclépio, na mitologia, era um mortal e filho de Apolo. Foi educado pelo centauro Quíron, que lhe ensinou tudo sobre a medicina tornando-o extremamente competente, porém após alcançar a ressuscitação de mortos, Asclépio

provoca ira em Zeus, que o assassinou com um raio. Posteriormente a sua morte, os enfermos procuraram seu templo postulando a cura para suas mazelas.

Segundo a mitologia, Quíron era perito na arte de curar e professor de Asclépio, sendo representado como metade cavalo e metade humano, o que representa uma dualidade entre razão e instinto. Seu discípulo Hércules, em uma luta contra outros centauros disparou acidentalmente uma flexa que atingiu seu mestre, produzindo uma ferida dolorosa que não poderia ser sanada por Quíron. Daí nasce o arquétipo, muito estudado na psicologia, do curador ferido, criando um paradigma em que o responsável por remediar males de outrem, não pode aliviar seu próprio sofrimento.

Asclépio havia quatro filhos: Higéia, Panacéia, Podalírio e Macaón. Os dois últimos eram cirurgiões, responsáveis por tratar feridas de campos de batalha, motivo pelo qual não são citados no juramento, já que os médicos são proibidos de realizar cirurgias, como o próprio texto do *Corpus Hipocraticum* revela:

“...Não cortarei doentes de cálculos, mas os deixarei aos cirurgiões...”

Dessa forma, apenas as filhas de Asclépio são reveladas no juramento, das quais Higéia era considerada a saúde e força vital pertencente à natureza, presente em todos os seres vivos que a habitam, e Panacéia, conhecida pelo poder curativo oferecido por ervas, em sua diversidade e numerosidade. O médico grego - o asclepiáde - era quem atuava como mediador, tendo o conhecimento necessário para utilizar a natureza em busca da saúde, tanto com o objetivo de prevenir quanto em busca por um remédio para reconstituição e cura.

Com isso, a medicina era centralizada na figura de Asclépio, o qual era detentor da sabedoria de Quíron e dotado de divindade por ser filho de Apolo, além de conceber a preservação da saúde e evitar doenças pelos poderes de Higéia e prescrever remédios e ervas pela sabedoria de Panacéia.

Apesar da utilização do Juramento de Hipócrates na contemporaneidade, o texto utilizado não é igual ao original. Os escritos careciam de atualizações, principalmente dos princípios bioéticos e da abrangência profissional médica, considerando todos os avanços científicos e tecnológicos. A primeira proposta de atualização foi feita pela Declaração de Genebra da Associação Médica Mundial em 1948. Algumas das principais alterações do Juramento diz respeito à justiça social e autonomia do paciente, substituição da proibição do aborto por sua regulamentação e afrouxamento e relativização das

obrigações entre estudantes e mestres, já que para se fazer medicina na Grécia Antiga, era necessário que um membro da profissão o aceitasse como aprendiz pelo tempo que fosse preciso em troca de remuneração.

O Juramento e demais textos da coleção hipocrática foram reunidos em biblioteca por eruditos da Escola Médica da Alexandria, que surgiu no século III a.C. Antes, as principais escolas eram de Cós, Cnido e Atenas citadas anteriormente, que apesar de diferentes posturas médicas, seus membros eram considerados como descendentes de Asclépio ou aprendizes de seus descendentes, ou seja, todos eram asclepíades, assim como Hipócrates de Cós. Nelas se difundia o pensamento médico-filosófico-naturalista, advindo do final do Período Arcaico, nos séculos V a IV a.C.

Em contrapartida, a Escola de Alexandria, onde foram reunidos os escritos da coleção hipocrática, é conhecida por revelar dois médicos de destaque: Herófilo (335-280 a.C.) e Erasístrato (310-250 a.C.). Ambos buscavam conhecimento pela realização da vivissecção de seres humanos, geralmente criminosos.

Herófilo acreditava que o corpo era governado por quatro forças: calor, percepção, nutrição e pensamento, localizadas no coração, nervos, fígado e cérebro respectivamente. Este grego realizou descrições minuciosas de estruturas anatômicas como o cérebro, nervos, tendões, olhos, pelo menos sete nervos cranianos, diferenciou artérias, veias e vasos capilares e enunciou os ventrículos cerebrais. Segundo ele, esses ventrículos permitiam a passagem de *pneuma psíquica* do cérebro para os nervos, possibilitando movimento, sensações e pensamento.

Já Erasístrato, foi sucessor de Herófilo no comando da escola de Alexandria e é afamado como fundador da fisiologia. Para ele, o ser humano continha o *pneuma vital* no ventrículo esquerdo do coração, constituído pelo ar inspirado somado ao sangue das artérias, que se transforma em *pneuma psíquico* nos ventrículos cerebrais. Com isso, Erasístrato desconsidera a teoria dos humores de Hipócrates e incorpora o naturalismo atomístico de Demócrito.

Grande parte da obra de ambos os médicos de Alexandria citados foi conhecida a partir dos depoimentos de Cláudio Galeno, um dos mais famosos médicos do mundo antigo, sendo responsável por revigorar a Teoria Humoral de Hipócrates, a qual considera os quatro temperamentos equilibrados, como necessário para manter a saúde do ser humano e reconhecer gânglios nervosos, parte do sistema nervoso parassimpático, nervos recorrentes, raquidianos e cervicais. Além disso, Galeno provou que as ideias sobre

pneumas de Erasítrato estavam erradas por meio de experiências, mostrando que o sangue não continha ar.

Em virtude de tudo o que foi dito pode-se dizer que não é possível realizar uma análise da história da medicina grega sem adentrar uma interdisciplinaridade entre história geral, filosofia e psicologia. Essa civilização foi responsável por transpor o pensamento mítico-religioso para um mais parecido com o da modernidade, tanto na medicina quanto em outras áreas do conhecimento.

A atividade terapêutica da Grécia Antiga assim como em outras civilizações, novamente tenta impedir que a vida atinja sua ruína, a partir da busca pela longevidade e cura, o que aproxima de forma pertinaz a medicina da mitologia em diferentes contextos históricos, em que a primeira visa a postergação do indivíduo no mundo físico, enquanto a religião medeia a crença de uma passagem para a eternidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Denise F.; LEMOS, Pedro Carlos Piantino. A medicina na Grécia antiga. **Revista de Medicina**, [S.L.], v. 86, n. 2, p. 117, 20 jun. 2007. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v86i2p117-119>.

CASTRO, Fabiano S.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J.. Alma, corpo e a antiga civilização grega: as primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.L.], v. 24, n. 4, p. 798-809, 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722011000400021>.

FIORINI, Lucas Rospendowski; MANSO, Maria Elisa Gonzalez. As Origens da Medicina Ocidental: Mesopotâmia e Egito Antigo. **Brazilian Journal Of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 16609-16615, jul./ago. 2021. Bimestral. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/33997>. Acesso em: 06 ago. 2021.

LUGONES BOTELL, Miguel; RAMIREZ BERMUDEZ, Marieta. Medicina na Antiguidade: Esculápio e cultura. **Revista Cubana de Medicina Geral Integral**, Cidade de Havana, v. 26, n. 2 de junho 2010.

MARCO, Mario Alfredo de. A medicina da pessoa: as dimensões humanas da educação médica e a construção do conhecimento. In: MARCO, Mario Alfredo de; ABUD, Cristiane Curi; LUCCHESI, Ana Cecília; ZIMMERMANN, Vera Blondina. **Psicologia Médica: abordagem integral do processo saúde doença**. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda, 2012. p. 35-42.

RIBEIRO JR., WA. Hipócrates de Cós. Em: CAIRUS, HF., e RIBEIRO JR., WA. Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: **Editora FIOCRUZ**, 2005. História e Saúde collection, p. 11-24. ISBN 978-85-7541-375-3.

RIBEIRO Jr., W.A. Aspectos reais e lendários da biografia de Hipócrates, o "pai da medicina". Disponível em <http://warj.med.br/pub/pdf/hipocrates.pdf>. Acesso em: 23/06/2021.

SAYD, Jane Dutra. Terapêutica e mito. Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Medicina Social, 1995. 23 p (Estudos em saúde coletiva; 129)

TORRES, Renata Ferraz. O curador-ferido e a individuação. **Junguiana**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 49-58, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000100008&lng=pt&nrm=iso>.